

APRESENTAÇÃO

Desde a notícia de que a Editora Paulus iria brindar-nos com esta nova edição do livro *Sacramentos, práxis e festa. Por uma teologia latino-americana dos sacramentos*, fui tomado por aquele sentimento de alegria que renova a esperança diante da certeza da chegada de dias melhores. Fiquei imensamente feliz, confesso, com o convite para fazer esta apresentação. Primeiro, por se tratar de um daqueles livros preciosos, singulares, em nossa formação teológica. A teologia nele consignada auxiliava na resposta ao desafio urgente de garantir formação teológico-pastoral para cristãos adultos. Esta teologia provoca a consciência crítica e define um horizonte de sentido na formação de discípulos missionários comprometidos com o processo histórico sociopolítico transformador e com o chamado do Evangelho para sermos “sal da terra e luz do mundo”. Segundo, por considerar o autor um importante teólogo latino-americano que produziu significativa reflexão teológica. O estimado professor Francisco Taborda se tornou, para este ex-aluno e dirigido, um amigo que testemunha a vida cristã e um companheiro da caminhada de fé da Igreja latino-americana. Terceiro, porque há tempos a edição deste livro estava esgotada, o que privava ou dificultava o acesso de muitos a essa pertinente e provocante reflexão teológica. Trata-se de original teologia dos sacramentos da fé em chave latino-americana. Tornei-me, por isso, um dos incentivadores desta reedição.

Francisco Taborda foi meu diretor de estudos, durante toda a graduação em Teologia, no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, instituição que

hoje recebe o nome de Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Nesse período, tive a grata satisfação de tê-lo também como professor de teologia dos sacramentos. Suas aulas e escritos, seu testemunho como cristão e presbítero da Igreja a serviço do povo de Deus, contribuíram significativamente para mudar minha mentalidade religiosa e consolidar outra compreensão da fé cristã, enquanto práxis histórica e engajamento sociopolítico transformador, e dos próprios sacramentos, enquanto sacramentos da fé cristã, por ela precedidos e para ela voltados. Os sacramentos cumprem a sua função à medida que alimentam a fé e exigem conversão a Cristo e aprofundamento na concretização da vida nova, pessoal e comunitária, transformada diariamente no cadinho da vivência da práxis histórica libertadora. Quando entendemos o que é ser cristão, ser Igreja e o que significa seguir a Jesus Cristo no contexto em que estamos inseridos, fica claro que os sacramentos da fé não são o mais importante da vida cristã. O fundamental para a vivência da fé, enquanto vida transformada e práxis histórica libertadora, é o engajamento, junto com os pobres, na luta contra a pobreza e contra o que agride a dignidade da vida. Eis o culto agradável ao Deus da vida, que nos enviou seu Filho, Jesus, “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Nesta teologia dos sacramentos da fé, passamos a compreender que a melhor forma de valorizar os sacramentos é cuidar para que sejam o que realmente são: sacramentos da vida cristã. Eles não são o que se tornaram para muitos cristãos: a concretização cabal da vivência da fé cristã. Com tal vivência sacramental, a fé cristã desfigura-se. Isso favoreceu e ainda tem favorecido a configuração de um cristianismo piedoso, devocional, intimista, cultural e ritualista, sem as exigências da conversão ao Reino e do compromisso histórico, pessoal e comunitário com a defesa da dignidade da pessoa humana e com a práxis da justiça e da fraternidade, pilares para a construção da cultura da paz.

Como teólogo leigo, tenho me colocado a serviço da formação teológico-pastoral de lideranças cristãs, de modo espe-

cial dos que estão inseridos na catequese e em outros ministérios leigos. Quando lhes apresento as intuições, as categorias e as ideias desenvolvidas por Francisco Taborda nesta obra específica, sistematicamente vejo despertar nos estudantes grande interesse por maior aprofundamento.

Neste livro, além de tratar das grandes questões da teologia dos sacramentos de forma clara, acessível, convincente e cativante, o autor, com originalidade, faz uma reformulação dessa teologia com base em um círculo dialético-hermenêutico formado por duas categorias: a da “práxis”, para a fé cristã, e da “festa”, para os sacramentos da fé. Desse modo, Francisco Taborda deixa claro o lugar dos sacramentos na vida cristã. Oferece, além disso, importante embasamento teológico-pastoral para o necessário enfrentamento dos chamados “problemas sacramentais” e da própria “crise dos sacramentos” na qual há tempos estamos mergulhados.

O enraizamento histórico desta obra explicita referências importantes da vida deste renomado teólogo jesuíta, que tem dedicado sua vida ao ensino-aprendizagem do fazer e do pensar teológicos, mas também à vivência autêntica da vida cristã e dos sacramentos da fé nas comunidades cristãs. Como teólogo e como presbítero, Francisco Taborda tem contribuído, e muito, para a formação e a vivência da fé cristã de inúmeros alunos e lideranças das comunidades cristãs onde se coloca a serviço. A teologia dos sacramentos tabordiana, com rigorosa fundamentação na Bíblia e na Tradição da Igreja, está enraizada na práxis histórica libertadora de Jesus de Nazaré e de seus discípulos e discipulas e dela brota vivamente. Conhecer a vida de Jesus, seus ensinamentos e ações, é fundamental para compreender o mistério celebrado e concretizar o encontro vital e transformador com o Cristo ressuscitado. Inspirada na tradição do catecumenato, na caminhada de fé da Igreja dos pobres e em refinada antropologia cultural, esta teologia dos sacramentos da fé procura internalizar o Mistério celebrado, provocar a conversão a Jesus Cristo, alimentar a entrega ao Reino e aprofundar o nível de exigência para a concretização do seguimento de Jesus num

contínuo processo histórico. Ela, por isso, intensifica a vivência da práxis histórica libertadora da fé cristã atual. Trata-se de teologia dos sacramentos movida pelo propósito de despertar nos cristãos a consciência do compromisso assumido e a busca diária, em todos os âmbitos da vida, de concretizar o seguimento de Jesus, no enfrentamento dos desafios e urgências da realidade contemporânea, sobretudo dos mais pobres. A vida cristã, e sacramental, implica, portanto, espiritualidade do Reino, inquietude profética jesuânica e contínuo processo de conversão a Deus e aos irmãos.

Três anos após o encerramento do Concílio Vaticano II (1962-1965), durante a preparação para a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, na Colômbia (1968), o jesuíta Henrique de Lima Vaz publicou provocante artigo intitulado “Igreja-reflexo vs. Igreja-fonte”.¹ Nesse escrito, o autor mostrou que as condições históricas eram favoráveis para a concretização de corajosa transformação na Igreja deste continente. Havia chegado a hora de assumir sua maioria eclesial e conquistar autonomia criativa para escrever, com originalidade, a própria história e deixar de ser uma Igreja-reflexo daquela outra de além-mar.

A maioria dos grandes teólogos latino-americanos foi formada nas renomadas escolas do velho continente. A abertura dialógica, promovida pelo Concílio Vaticano II, provocou autêntica revolução e afetou a dinâmica dos diversos âmbitos da vida eclesial. Nada permaneceu indiferente ou intocável. Ao voltarem para a sua pátria, com seu contexto marcado pela profunda desigualdade econômica e exclusão sociopolítica, geradoras de milhões de irmãos empobrecidos, os teólogos e teólogas – entre os quais Francisco Taborda – que se engajaram na esperança da caminhada de fé da Igreja dos pobres, de modo especial nas CEBs, nos movimentos populares e nas pastorais sociais, sofreram outras transformações, talvez ainda

¹ VAZ, Henrique de Lima. Igreja-reflexo vs. Igreja-fonte. *Cadernos Brasileiros*, n. 46 (1968), p. 17-22.

mais significativas que as encetadas pelo próprio Concílio, na compreensão e vivência da fé cristã.

Tais mudanças provocaram o surgimento de vigorosa e fecunda produção teológica que fez história, ampliou o horizonte e afetou, de muitos modos, o jeito de pensar e viver a experiência cristã. Esta corrente teológica suscitou releituras das fontes da Tradição cristã, a leitura popular das Escrituras, maior consciência crítica e a transformação da mentalidade religiosa de muitos fiéis das comunidades cristãs. Além disso, despertou a necessidade de compromisso e engajamento na transformação das estruturas sociopolíticas injustas como expressão do seguimento de Jesus. Forjou outro jeito possível e necessário de crer, compreender e viver a fé cristã neste chão tão marcado e fecundado pelo sangue derramado em consequência da exploração de nossos povos autóctones e de outros trazidos acorrentados da África. Sangue derramado também por tantos profetas e profetisas que, inspirados pelo Espírito Santo e pela práxis histórica de Jesus, ao ouvir o clamor das vítimas, em nome do Deus da Vida, denunciaram as inúmeras formas de opressão.

O amor fraterno captado na práxis de Jesus, discernido pelo Espírito Santo como desdobramento da experiência do amor do *Abbá* querido, exigia dos cristãos compromisso com a participação nas lutas em defesa da dignidade da vida e pela concretização da justiça e da inclusão social. A construção do Reino de Deus na história implicava a opção pelos pobres e a participação na transformação das estruturas geradoras de injustiça social.

Essa produção teológica ficou conhecida como Teologia da Libertação ou, simplesmente, Teologia Latino-Americana. E este livro do teólogo Francisco Taborda está inserido nesse esforço coletivo de pensar a experiência cristã à luz desta necessária dupla fidelidade: à Tradição cristã e ao tempo-espaço do anúncio-testemunho – no caso, ao ser humano inserido no contexto cultural e sociopolítico latino-americano.

Termino com um verso de meu avô Décio Guimarães, que me ensinou, desde cedo, a perceber a força e o valor das interações brotadas do símbolo e da gratuidade dos ritos quando vivenciados com a totalidade de nosso ser:

*Olha a figura singular da vela
sem um lamento sendo consumida
que o teu labor se torne igual ao dela:
queimar de amor para iluminar a vida!*

Parabenizo a Editora Paulus por reeditar este livro. Torço para que, com sentimento de urgência, ele chegue, o quanto antes, às mãos das inúmeras lideranças cristãs leigas e dos estudantes de teologia, mas também às dos futuros diáconos, presbíteros e bispos, para que os sacramentos da fé se tornem, de fato, o que são: sacramentos, e não a vida cristã. Aí está a sua riqueza. Precedidos pela vivência da fé-seguimento de Jesus, ao serem celebrados, os sacramentos alimentam a fé e promovem maior aprofundamento e autenticidade na práxis histórica da fé-vida cristã na Igreja, na sociedade e nos cuidados com a Casa comum.

Belo Horizonte, julho de 2018

*No marco celebrativo dos 50 anos
da Conferência de Medellín,
dos 50 anos de serviço presbiteral
ao povo de Deus e 80 anos de vida
de Francisco Taborda.*

Edward Guimarães²

² Teólogo leigo, membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião e do Conselho Arquidiocesano de Pastoral da Arquidiocese de Belo Horizonte. É professor de Teologia Sistemática do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura e de Cultura Religiosa do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário-executivo do Observatório da Evangelização.

INTRODUÇÃO

Em 1922, por ocasião do centenário da Independência do Brasil, o então arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, pronunciou uma série de conferências sobre a colaboração do clero na formação da pátria brasileira. Sua intenção era apologética: o clero não estivera ausente das lutas pela independência, colaborara ativamente, conspirara. Fora um elemento útil à pátria.

Essa figura do padre político despertava, pelo visto, as simpatias dos homens públicos da década de 1920 que a opunham ao modelo intraeclesial do clero de então. Dom Duarte sai em defesa da nova figura do padre, “recolhido – e ainda bem – ao piedoso remanso da sacristia”. O “zelo do pastor vigilante” – acrescenta ele – não é menos patriótico que o ideal das “chamadas batinas liberais”.¹

Em 1972, no sesquicentenário da Independência, a obra foi reeditada. O Cardeal Paulo Evaristo Arns, sucessor de Dom Duarte na Arquidiocese de São Paulo, vê na reedição da obra, já anacrônica, um instrumento apto “para lembrar a todos os fiéis que a ação da Igreja se realiza em favor do homem brasileiro em sua realidade, e não se reduz à exposição teórica de princípios evangélicos” e “para fazer justiça aos Padres, que, como cidadãos brasileiros, têm o direito e o dever de empenhar-

¹ LEOPOLDO E SILVA, Dom Duarte. *O clero e a independência: conferências patrióticas*. São Paulo: Paulinas, 1972, 166.

-se a fundo pelo desenvolvimento global de todos os Homens desta Terra”.²

Nos 50 anos que vão do surgimento das conferências de Dom Duarte a sua reedição, mudara a figura do padre. Por isso o sentido da obra é o oposto do original. O ideal delineado por Dom Duarte fora assimilado pela sociedade brasileira, enquanto Dom Paulo Evaristo insiste na apologia de um novo tipo de padre, não já o “recolhido ao piedoso remanso da sacristia”, mas o empenhado na luta em favor do homem brasileiro e seu desenvolvimento integral. Em outras palavras: não o padre dos sacramentos, mas o padre do compromisso histórico libertador.

É toda uma visão de cristianismo que se reformula. Acen-tua-se cada vez mais a necessidade do engajamento do cristão no processo histórico transformador, e a prática sacramental, embora mais frequente, talvez pareça ter passado a segundo plano na preocupação dos ministros. A frequência aos sacra-mentos já não significaria valorizá-los, mas vulgarizá-los, sintoma do esvaziamento de seu sentido.

De fato, se o Reino se realiza já na história (embora só incipientemente) e o cristão tem de construí-lo, não seriam os símbolos do Reino, quais sejam os sacramentos, sinais inúteis ou menosprezáveis por anacrônicos e ultrapassados? Alguns tirarão essa consequência extrema. Outros viverão esquizo-frenicamente seu cristianismo: por um lado, colaborarão no compromisso político transformador juntamente com ateus ou homens sem fé; por outro, frequentarão os sacramentos, sem poder no entanto relacioná-los de imediato com seu engaja-mento social e chegando, a médio ou longo prazo, ao abandono de um dos dois.

Em última análise, a dualidade assim manifestada não é nenhuma novidade. Pastoralmente já foi expressa como a relação entre sacramentos e evangelização. É preciso sacramen-talizar ou evangelizar? Primeiro evangelizar (no caso de nosso

² Ib., 5 e 6.

cristianismo de berço, tradicional) para depois dar os sacramentos? Mas, se o povo (de todas as classes sociais) pede sacramentos e apenas se importa com o anúncio da Palavra, por que se apresenta como exigência e condição para receber sacramentos (cursinhos de batismo, preparação à crisma, curso de noivos...)?

Mais ainda: evangelizar não significa instruir, mas levar a aceitar e a viver o cristianismo. Sacramentos e vida são, então, os termos em presença. O cristianismo reduz-se a atos cúlticos, rituais indiferentes à vida? E vida cristã que significa? Unicamente “vida sacramental”? Ou algo mais?

No tempo em que foi moda a “teologia da secularização”, ouvia-se muito a distinção entre “religião” e “fé”. O cristianismo não seria “religião”, e sim “fé”. “Religião” seria a tentativa do homem de pôr Deus a seu serviço por meio de gestos rituais e de culto. O cristianismo é “fé”: engaja toda a vida da pessoa, o homem todo, e o leva a assumir a história. Não seriam os sacramentos uma forma espúria de transformar em “religião” a “fé” cristã e dispensar o fiel da responsabilidade de secular no engajamento histórico?

“Assumir a história” é um termo bonito. Pode ser uma flor de retórica num discurso vazio, até que se veja que essa história a ser assumida é conflitual. Assumi-la faz sujar os pés e as mãos. Fala-se então na Igreja “engatada” ou “progressista” que reconhece sua missão na luta política pela promoção dos pobres. A santidade é medida pela inserção no concreto da história, que é luta e nada tem de romântico. E, desde essa “Igreja avançada”, pode-se olhar com desprezo para a “Igreja de sacristia”, limpinha e engomada como uma antiga sobrepeliz. Esta insiste na interioridade e mede o ser santo pela frequência aos sacramentos.

Mas, se a Igreja não age desta última forma, não periga cair no horizontalismo de quem só visa à construção do mundo e passa a não distinguir-se mais de um partido político? O cristianismo não é em primeiro lugar cultivo da alma para a vida eterna?

A vida eterna é conhecer a Jesus Cristo (cf. Jo 17,3). E conhecer a Jesus Cristo é amar os irmãos (cf. 1Jo 4,20; 2,4; Mt 25,40). Por isso, Camilo Torres, o padre-guerrilheiro da Colômbia, decide abandonar o exercício de suas funções litúrgicas como padre – direito que ele dizia amar profundamente – “para criar as condições que fazem mais autêntico esse culto”. Pois “a comunidade cristã não pode oferecer em forma autêntica o sacrifício, se antes não realizou em forma efetiva o preceito do amor ao próximo”.³ E assim Camilo Torres se retrai da celebração sacramental para lutar e morrer pela libertação de seu povo.

Em diversas pautas canta-se a mesma melodia: sacramentos e práxis histórica, símbolos do Reino e realização do Reino, sacramentalizar e evangelizar, sacramentos e vida cristã, religião e fé, Igreja de sacristia e Igreja engajada, verticalismo e horizontalismo.

Uma solução fácil, simplista, nos sugeriria a “aurea mediocritas”, o meio-termo tranquilo. “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”. Mas a “solução” média não é solução, porque não enfrenta o problema. Recorre a panos quentes.

À base da questão estão perguntas mais fundamentais: Que é ser cristão? Que é a Igreja? Que significa seguir a Cristo?

Esta obra pretende olhar o problema de frente e buscar uma resposta. Será uma releitura da Teologia dos sacramentos em geral à luz de uma situação concreta: a situação de um cristianismo que encontra sua identidade na práxis histórica libertadora, ao engatar-se na luta ao lado do pobre contra a pobreza.

Frente ao dilema antes expresso nas diversas duplas (sacramento e práxis histórica, sacramentos e vida cristã...), impõe-se tomar partido pelo segundo membro: o cristianismo é vida, ou – para evitar o intimismo que a palavra “vida” pode

³ TORRES, Camilo. *Cristianismo y revolución*. México, 1070, 376, citado por GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976, 218, nota 31.

conotar – o cristianismo é seguimento de Cristo no hoje concreto. O cristianismo é compromisso histórico, é engajamento social, é práxis histórica. Estabelecida essa premissa, cumpre perguntar: será que o cristianismo também inclui sacramentos?

A pergunta pode escandalizar. Não é o óbvio? Que cristão (católico, pelo menos) não está acostumado a considerá-lo assim?

Será preciso, no entanto, levantarmos a questão. Pois óbvia não é sua resposta. Como indícios dessa negativa, basta recordar que há uma série de Igrejas cristãs (evangélicas) que põem os sacramentos em segundo plano e, não obstante, merecem o estatuto de Igrejas ou comunidades eclesiais (cf. UR 19) e são cristãs. Indo mais a fundo, é o próprio Novo Testamento que nos atesta que a resposta não é óbvia. Nele os sacramentos não estão no primeiro plano do interesse, mas sim a vida em Cristo. “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Não que se despreze o “sábado” ritual e cúltico, mas o caminho do encontro de Deus é, em primeiro lugar, o homem na sua situação histórica. Só assim a celebração do “sábado” poderá ser verdadeira adoração a Deus e encontro com o Senhor.

Pode-se, pois, com razão perguntar se e como o cristianismo inclui os sacramentos. Mas que cristianismo é vida – ou melhor, para não esquecer a dimensão social, societária e conflitual dessa vida – que o cristianismo é compromisso transformador, práxis histórica, não se pode duvidar.

Entretanto, aí estão os sacramentos, como legado da Igreja desde as origens, alguns mesmo atestados pela Escritura. Para pensá-las teologicamente, queremos partir da premissa: ser cristão é assumir um compromisso de vida no seguimento de Jesus, vida que inclui engajamento na transformação de uma sociedade que se apresenta injusta (I parte).

A partir daí se fará a mediação entre cristianismo-compromisso-de-vida e sacramentos, através da categoria de festa (II parte). Essa categoria será trabalhada antropologicamente para

servir de ponte entre o cristianismo-compromisso e o cristianismo-sacramentos. Destes tratará a III parte.

Talvez o caminho antropológico mais comum para uma aproximação aos sacramentos seja a categoria de símbolo. Entretanto, essa categoria tem duas desvantagens: 1) “Símbolo” é um vocábulo polissêmico, ambíguo, quase equívoco; 2) a palavra “símbolo” pode assumir tal amplitude de sentido que abranja todo o real e assim é pouco elucidativa como conceito-chave para entender os sete sacramentos da Igreja Católica – que é o que esta obra pretende explicar. Mas nem pelo fato de abandonar esse caminho tradicional negligencia-se o que a categoria de símbolo pode oferecer à compreensão dos sacramentos, pois na festa há um momento simbólico que será a seu tempo aprofundado, considerando o horizonte mais amplo do simbólico.

Também a categoria de palavra foi usada para um acesso à compreensão de sacramento, especialmente no contexto de uma preocupação ecumênica em relação a nossos irmãos das Igrejas cristãs oriundas da Reforma. Não será esse o caminho seguido, mas nem por isso será desprezada a contribuição que essa vertente da reflexão sobre os sacramentos pode propiciar. Novamente, há na festa uma subestrutura narrativa que será ocasião de assumir esse aspecto da reflexão teológica.

A categoria de festa não só corresponde ao espírito de nossos povos que sabem festejar e gostam de fazê-lo, mas provém do interior mesmo de uma visão de cristianismo que se entende como fé atuante na caridade. A reflexão sobre os sacramentos partirá, portanto, de que o essencial no cristianismo é a vida engajada no seguimento de Jesus na atuação em prol dos irmãos, especialmente dos pobres, em vista da construção do Reino.